



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Inês Sofia Ribeiro Campos

**(Ciber)Violência nas Relações de Intimidade e
Vitimação Múltipla**

(Ciber)Violência nas Relações de Intimidade e Vitimação
Múltipla

Inês Campos

UMinho | 2023

junho de 2023



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Inês Sofia Ribeiro Campos

**(Ciber)Violência nas Relações de Intimidade e
Vitimação Múltipla**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Psicologia da
Justiça

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Sónia Caridade

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Agradecimentos

Primeiramente quero agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Sónia Caridade, pelo seu enorme apoio, orientação, disponibilidade constante e pela partilha de conhecimentos e visão crítica.

À minha família por todo o apoio incondicional, sacrifício e amor, fundamentais para que me pudesse focar em alcançar este marco. Por estarem sempre presentes e motivarem-me a conseguir atingir este marco. Aos meus pais por todo o esforço que fizeram em prol da minha educação, e em especial à minha irmã por todos os momentos que partilhamos e pelo ombro amigo quando mais precisava.

Aos meus amigos pelo apoio e pela partilha de experiências e desabafos durante esta longa caminhada. Agradeço também por todas as vezes que me deram conselhos, ajudando-me a manter o foco, mas sobretudo, pela vossa amizade, que é o verdadeiro presente que levo desta aventura.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Inês Sofia Ribeiro Campos
(Inês Sofia Ribeiro Campos)

(Ciber)Vitimação nas Relações de Intimidade e Vitimação Múltipla

Resumo

A violência nas relações de intimidade (VRI) e subsequentes implicações sociais e em termos de saúde mental, tem suscitado considerável interesse entre a comunidade científica. Constituindo a vitimação múltipla na infância e adolescência um fator de risco para a vitimação por VRI, é fundamental perceber a associação que existe entre estes fenómenos e o seu impacto nos indivíduos. O presente estudo visa analisar a relação entre VRI e C-VRI e a vitimação múltipla, e analisar impacto psicológico de vítimas de VRI e C-VRI que reportaram vitimação múltipla. Participaram 326 participantes entre os 18 e 25 anos ($M=21.50$, $DP=2.03$), na sua maioria mulheres (80.1%), que admitiram estar ou terem estado numa relação amorosa. A vitimação múltipla surgiu como um preditor significativo de vitimação de VRI e C-VRI, tendo-se registado taxas consideráveis de prevalência. Este estudo permitiu expandir o conhecimento da vitimação múltipla e as suas consequências na vitimação na idade adulta, concluindo-se pela importância das intervenções focadas na história de vida da pessoa de forma a promover a saúde mental nas vítimas de VRI e C-VRI.

Palavras-chave: ciber violência nas relações de intimidade; impacto psicológico; violência nas relações de intimidade; vitimação múltipla.

(Cyber)Intimate Partner Violence and Multiple victimization

Abstract

Intimate partner violence (IPV) and its subsequent social and mental health implications have raised considerable interest among the scientific community. As multiple victimization in childhood and adolescence is a risk factor for IPV victimization, it is essential to understand the association between these phenomena and its impact on individuals. The present study aims to analyze the relationship between IPV and C-IPV and multiple victimization, and to analyze psychological impact of victims of IPV and C-IPV who reported multiple victimization. A total of 326 participants between the ages of 18 and 25 years ($M=21.50$, $SD=2.03$), mostly female (80.1%), who admitted to being or having been in a loving relationship, participated. Multiple victimization emerged as a significant predictor of IPV and C-IPV victimization, and considerable prevalence rates were recorded. This study expanded the knowledge of multiple victimization and its consequences on victimization in adulthood, concluding that interventions focused on the person's life history are important to promote mental health in victims of IPV and C-IPV.

Keywords: cyber intimate partner violence; intimate partner violence; multiple victimization; psychological impact

Índice

Enquadramento teórico.....	9
Ciber violência nas relações de intimidade	10
Vitimação múltipla e (Ciber)VRI	14
Objetivos gerais e específicos do estudo.....	17
Metodologia.....	17
Participantes	17
Instrumentos	18
Procedimento	20
Análise de dados	20
Discussão.....	24
Conclusão	27
Referências	28
Anexo: Parecer da Comissão de ética para Investigação em Ciências Sociais e Humanas.....	34

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica da amostra (N=326).....	18
Tabela 2 - Prevalência de vitimação de VRI, vitimação de C-VRI e vitimação múltipla.....	21
Tabela 3 - Correlações de Spearman entre as variáveis de estudo	22
Tabela 4 - Prevalência de vitimação múltipla em vítimas de VRI e C-VRI.....	22
Tabela 5 - Diferença entre médias de VRI em função de vitimação múltipla (teste U de Mann-Whitney)	23
Tabela 6 – Diferença entre médias de C-VRI em função de vitimação múltipla (teste U de Mann-Whitney).....	23
Tabela 7 - Regressão logística de vitimação múltipla nas vítimas de VRI e C-VRI.....	24

Lista de Abreviaturas

VRI – Violência nas relações de intimidade

C-VRI – Ciber violência nas relações de intimidade

TIC - tecnologias de informação e comunicação

PSPT – Perturbação de stress pós-traumático

CADRI-S – Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory – short form

CiAPIIn – Questionário de Ciber Abuso por Parceiro Íntimo

BSI – Brief Symptom Inventory

PCL-5 – The Posttraumatic Stress Checklist

JVQ -2R – Juvenile Victimization Questionnaire – 2nd Revision

Enquadramento teórico

As relações de intimidade, essencialmente na fase da adolescência e início da idade adulta, são pautadas por crenças e expectativas à volta do relacionamento, revelando-se igualmente essenciais para o desenvolvimento de competências sociais e para a promoção de habilidades interpessoais, suporte social e bem-estar das pessoas envolvidas (Brown & Hegarty, 2018; Gómez-López et al., 2019; Lu et al., 2021). Contudo, este contexto relacional pode de igual forma ser pautado por experiências negativas como a violência que pode acarretar consideráveis consequências a nível físico, psicológico, emocional e sexual (Brown & Hegarty, 2018; Gómez-López et al., 2019).

Segundo Matos (2006), o desenvolvimento das perspetivas feministas nos anos setenta, resultaram numa maior exposição para a problemática da violência contra a mulher existente na sociedade e, assim, tiveram um papel impulsionador no meio científico para o estudo da violência no seio familiar e mais especificamente da violência na intimidade e no que concerne à vítima do género feminino. No seguimento destas perspetivas, os primeiros estudos desenvolvidos concentravam-se exclusivamente nas relações matrimoniais e/ou união de facto, desvalorizando outros contextos relacionais em que esta problemática poderá igualmente se manifestar, como relações de indivíduos do mesmo sexo, e relações de namoro (Caridade & Machado, 2006; Matos, 2006; Simas, 2011).

Contudo, com o aumento da atenção e investigação científica na área da violência nas relações de intimidade (VRI), começou-se a alargar a investigação a outros contextos relacionais como os referidos anteriormente, verificando-se que esta forma de violência é um fenómeno presente em faixas etárias distintas, como entre a população juvenil (Caridade & Machado, 2013). Atualmente a investigação sobre a VRI encontra-se amplamente aprofundada em diferentes linhas de investigação.

A VRI é um termo usado para descrever a violência física, sexual e/ou psicológica perpetrado por um dos parceiros íntimos e/ou por ambos, ou por um ex-parceiro íntimo (Duerksen & Woodin, 2021; Lu et al., 2021; Marganski & Melander, 2018; Pill et al., 2017). Segundo alguns autores (Cava et al., 2020; Navarro et al., 2022; Sousa, 2022) a VRI pode ser descrita através de três principais tipos de comportamento: a violência física caracterizada pelo uso da força física de modo a ferir a integridade física de um parceiro ou ex-parceiro; a violência psicológica a qual se refere a insultos, humilhações e ameaças como forma de intimidação; e a violência sexual que se refere a atos de coerção sexual e atos sexuais sem o consentimento da vítima. Outros autores (Gilbert et al., 2022; Mennicke et al., 2022; Navarro et al., 2022) incluem o *stalking* como um tipo de violência nas relações, que consiste num ato de perseguição e contactos reiterados e indesejados com a vítima.

A experienciação deste fenómeno acarreta diversas complicações ao nível da saúde mental e física das vítimas, tornando-as mais suscetíveis ao desenvolvimento de determinados problemas e sintomas tais como depressão (Seon et al., 2021; Sousa, 2022), stress pós-traumático (Fernández-Fillol et al., 2021; Gilbar & Ford, 2020; Pill et al., 2017), uso de substâncias (Costa & Gomes, 2018; Melander & Marganski, 2020), comportamentos antissocial (Brown & Hegarty, 2018; Melander & Marganski, 2020) e ideação suicida (Brown & Hegarty, 2018; Lamis et al., 2016).

Numa revisão sistemática conduzida por Gracia-Leiva et al. (2019) foram analisados 15 estudos sobre os fatores de risco associados à VRI organizados com base no modelo ecológico. No nível individual, apesar de apresentar um efeito baixo, foi possível identificar como fatores de risco o uso de substâncias e gravidez precoce. Ao nível do microsistema, foram identificados o assédio sexual entre pares, influência e vitimização por pares e violência no namoro como fortes preditores, havendo uma maior significância para o género feminino. No nível do exossistema, verificou-se que a violência na comunidade apresenta uma relação positiva com a vitimação e perpetração de VRI. Por último, no nível macrossocial identificou-se como fator de risco a pertença a uma minoria cultural.

Já a meta-análise de Hébert et al. (2019) evidencia dois contextos: o contexto familiar onde identifica que todas as formas de maus-tratos como abuso sexual, psicológico e físico, negligência e ser exposto a violência doméstica, constituem fatores de risco associados à VRI. No contexto de pares foi possível identificar a vitimação de pares, assédio sexual e relações com pares desviantes como fatores de risco para a vitimação.

Ciber violência nas relações de intimidade

A evolução das tecnologias de informação e comunicação (TIC) ao longo das últimas décadas facilitou as interações sociais através de meios digitais como os telemóveis, as redes sociais (por exemplo, Instagram, Facebook ou Twitter) e mensagens, estando, atualmente, presente no quotidiano de muitos adolescentes e jovens adultos. (Caridade et al., 2020; Marganski & Melander, 2018). O uso deste meios digitais apresentam algumas vantagens como estimular o processo de socialização dos adolescentes e jovens adultos e formar e manter novas relações interpessoais (Caridade et al., 2019). Segundo um estudo de Caridade et al. (2020), numa amostra de 173 participantes portugueses, com média de idade de 25 anos, cerca de 99.4% relataram a utilização das TIC como forma de comunicação com os seus parceiros, sendo que o uso de mensagens foi o meio de comunicação mais utilizado (58.9%), seguido pelas redes sociais no qual o *Instagram* apresentou maior percentagem de utilização, com cerca de 34.7%.

Porém, com o desenvolvimento das TIC e o aumento da dependência destas para a comunicação e encetar relações pessoais, emergiu novas possibilidades de crimes e formas de violência cometidos dentro deste novo e atual contexto, nomeadamente a pornografia, o roubo, e *cyberbullying*, *cyberstalking* e ciber violência nas relações de intimidade (C-VRI) (Caridade et al., 2019; Fernet et al., 2019; Lu et al., 2021; Peterson & Densley, 2017; Saial, 2021; Tamarit-Sumalla et al., 2022).

A C-VRI tem sido definida como um tipo de violência facilitada pelo uso das TIC de modo a ameaçar, monitorizar e exercer controlo, assédio e abuso contra um parceiro íntimo atual ou um ex-parceiro (Caridade et al., 2019, 2020; Fernet et al., 2019). Esta consiste na utilização de recursos online como as redes sociais, equipamentos tecnológicos (telemóveis e câmaras) e aplicativos como por exemplo, *softwares* para espiar a vítimas, com o propósito de controlar, humilhar e assediar o outro (Fernet et al., 2019).

Os comportamentos abusivos associados a este contexto podem ser a nível psicológico (como ameaçar o parceiro, partilhar informação sem permissão do parceiro), sexuais (pressionar a enviar fotografias explícitas, partilhar fotografias explícitas) e *cyberstalking* (monitorizar e controlar a privacidade do parceiro, mensagens de natureza insultuosa) (Duerksen & Woodin, 2021).

Além disso, alguns estudos (Caridade et al., 2020; Cava et al., 2020) constataram a existência de dois tipos de C-VRI, a agressão direta, referindo-se a atos que visam lesar o parceiro através de insultos ou ameaças; e o controlo, referindo-se a atos com o intuito de controlar e monitorizar os comportamentos do parceiro no meio digital.

Assim, devido ao papel omnipresente das TIC e da sua natureza imediata e de fácil acesso, as pessoas estão mais suscetíveis a se tornar vítimas, mas também agressoras de C-VRI (Peterson & Densley, 2017). Efetivamente estudos a nível internacional (Brown & Hegarty, 2018; Cénat et al., 2021; Duerksen & Woodin, 2021; Fernet et al., 2019; Marganski & Melander, 2018; Melander & Marganski, 2020; Peterson & Densley, 2017; Toplu-Demirtaş et al., 2022) e nível nacional (Caridade et al., 2019, 2020; Monteiro et al., 2023; Saial, 2021) registaram elevadas taxas de prevalência de perpetração e vitimação de C-VRI. Segundo o estudo de Marganski & Melander (2018), com uma amostra de 540 jovens adultos com idades entre os 18 e 25 anos, os resultados reportaram que 73% de uma população de estudantes universitários experienciaram algum tipo de C-VRI. Já o estudo de Caridade et al., (2020), para uma amostra de jovens portugueses, encontrou indicadores de vitimação de C-VRI (38,2%) e de ciber perpetração (42,2%).

Em vários estudos (Caridade et al., 2020; Cava et al., 2020; Fernet et al., 2019; Fogleman et al., 2021; Lu et al., 2021; Marganski & Melander, 2018; Melander & Marganski, 2020; Tamarit-Sumalla et al., 2022; Temple et al., 2016) é evidenciado a relação entre VRI e C-VRI. Outros estudos (Cava et al., 2020; Lu et al., 2021; Marganski & Melander, 2018; Temple et al., 2016), analisaram o poder de predição de VRI na vitimação de C-VRI, e vice-versa. Mais especificamente, segundo o estudo realizado por Cava et al. (2020), onde analisaram a relação entre as diferentes formas de VRI (relacional, verbal/emocional e físico) e dois tipos de C-VRI (ciber controlo e ciber agressão), verificaram correlações positivas entre vitimação de VRI e vitimação de C-VRI, e além disso, verificaram que vitimação VRI verbal/emocional surge como um preditor de vitimação de ciber controlo e VRI física e relacional é principal preditor de vitimação ciber agressão.

Segundo Lu et al. (2021) o início dos comportamentos abusivos nas relações íntimas é efetuado num contexto *online* e posteriormente sucedem para um contexto *offline*. Já outros estudos (Marganski & Melander, 2018; Melander & Marganski, 2020; Temple et al., 2016) relatam que indivíduos que experienciaram qualquer forma de VRI (como por exemplo, agressões físicas) tem uma maior probabilidade de experienciar outra forma, ou formas, de VRI (tal como C-VRI e *stalking*). Todavia, há outros estudos (Cava et al., 2020; Marganski & Melander, 2018; Melander & Marganski, 2020; Tamarit-Sumalla et al., 2022; Temple et al., 2016) que verificaram que é frequente estes dois contextos se sobreponem, ou seja, os comportamentos abusivos estarem a co-ocorrer tanto a nível *offline* como *online*. Segundo o estudo realizado por Marganski & Melander (2018), cerca de 94.8% dos participantes que relataram ter sofrido VRI psicológica também relataram ter sofrido C-VRI. De igual forma foi possível verificar a sobreposição entre C-VRI e outras formas de vitimação de VRI (física e sexual) relatadas pelos participantes (96% e 92.6%, respetivamente)

Posto isto, a investigação sugere que a vitimação tem uma maior probabilidade de ocorrer num contexto social diferente para aqueles que já a experienciaram uma vez, como por exemplo VRI e C-VRI (Temple et al., 2016). Consequentemente a exposição a mais que um contexto de violência pode ter um acréscimo de implicações a nível da saúde mental das vítimas (Costa & Gomes, 2018; Hébert et al., 2019; Stonard, 2021).

Através da literatura (Cava et al., 2020; Melander & Marganski, 2020; Stonard, 2021; Temple et al., 2016) é evidente a existência de sobreposição entre VRI e C-VRI, o que inevitavelmente torna mais complexo perceber se o impacto nas vítimas se deve estritamente a C-VRI ou a VRI, ou se é resultado de uma sobreposição de ambos.

O estudo de Fogleman et al. (2021) analisou uma amostra de adolescentes que reportaram vitimação de VRI e C-VRI e os resultados obtidos demonstraram que esta vitimação está associada a baixa autoestima e depressão, mas verificaram que apenas a VRI estava associada com altos níveis de ansiedade reportada pelos mesmos. Segundo Seon et al. (2021), os participantes que reportaram vitimação por VRI apresentam uma menor percepção da sua saúde física e mental, tal como, tendem a apresentar mais sintomas depressivos.

Assim, VRI está associada a problemas de saúde mental nomeadamente depressão, ansiedade, baixa autoestima, perturbação de stress pós-traumático (PSPT) e perturbações de personalidade como perturbação antissocial e borderline e ideação suicida (Costa & Gomes, 2018; Duerksen & Woodin, 2021; Faus, 2022; Fogleman et al., 2021; Gilbar & Ford, 2020; Hébert et al., 2019; Heinze et al., 2021; Iverson et al., 2022; Lu et al., 2021; Pill et al., 2017; Spencer et al., 2019). Segundo a meta-análise de Spencer et al. (2019), a ansiedade e PSPT tem uma associação forte com a vitimação de VRI, salientando que indivíduos com reduzidas estratégias de coping adaptativas tem um maior risco de desenvolver PSPT e ansiedade. Já Iverson et al. (2022), verificou a existência de uma relação entre sintomatologia de PSPT e posterior vitimação de VRI.

Efetivamente, e salientando a associação de PSPT com a vitimação de VRI, quanto maior fosse a frequência e a gravidade da violência a que as pessoas foram expostas mais severos serão os sintomas de PSPT (Gilbar & Ford, 2020; Pill et al., 2017). Mais especificamente nas relações de intimidade, todos os tipos de violência (física, psicológica e sexual) são considerados preditores de sintomatologia de PSPT, mostrando não haver diferenças significativas entre o género, apesar de se verificar um menor efeito da vitimação nos sintomas de PSPT em homens (Gilbar & Ford, 2020; Pill et al., 2017). Além disso, verificou-se que para as vítimas de VRI com sintomas de PSPT, há uma maior probabilidade de estas serem diagnosticadas com outras perturbações mentais (Pill et al., 2017).

A VRI não se caracteriza como sendo um fenómeno de compreensão única, ou seja, não existe uma causa única que justifique a violência. Há diversas variáveis que podem estar relacionados com a perpetração e vitimação da violência, como características intrapessoais (como a depressão, comportamentos antissociais e consumo de substâncias), fatores familiares (associados à exposição à violência familiar) e fatores ambientais ou culturais (Caridade & Machado, 2013; Matos, 2006).

Segundo a Teoria da Aprendizagem Social (Bandura & Walters, 1977; Hines & Saudino, 2016), durante a infância, as crianças e adolescentes adaptam os comportamentos a que são expostos aos seus próprios comportamentos, atitudes e crenças, quer estes sejam comportamentos

presumíveis e aceites como normativos ou que ponham em risco o seu bem-estar. Posto isto, as crianças e adolescentes desenvolvem normas comportamentais de aceitação de um ambiente de violência, como forma de resolução de conflitos, o que sugere que estes padrões aprendidos passem a ser usados em relações íntimas, ou seja, há desenvolvimento de um risco acrescido para posterior perpetração e vitimação de VRI (Caridade & Machado, 2013; Faus, 2022; Heinze et al., 2021; Herzberger, 2019; Hines & Saudino, 2016; Li et al., 2019; Li et al., 2020; Widom et al., 2014).

De acordo com a literatura existente, vários estudos (Caridade & Machado, 2013; Hines & Saudino, 2016; Li et al., 2019; McClure & Parmenter, 2017; Pereda & Díaz-Faes, 2020; Richards et al., 2017; Widom et al., 2014) indicam a existência de uma relação entre vitimação na infância e adolescência e subsequente experiência de VRI. Esta relação pode ser explicada através da teoria da aprendizagem social, que estipula que a violência pode ser transmitida através de gerações e, assim, as crianças expostas a violência durante a sua infância estão mais predispostas a aprender padrões comportamentais e resolver conflitos por meio da violência. Consequentemente, estão mais suscetíveis a perpetuar ou experienciar violência na idade adulta.

Vitimação múltipla e (Ciber)VRI

Como referido anteriormente, experienciar qualquer tipo de vitimação na infância e na adolescência acarreta consequências ao nível da saúde física e mental e da adoção de comportamentos de risco que podem se associar a posterior vitimação e perpetração na idade adulta.

Os estudos sobre experiências adversas na infância (Brassard et al., 2020; Hahm et al., 2010; Le et al., 2016; Montiel et al., 2016; Sani et al., 2021) tendem a focar-se num único tipo de vitimação na infância (como abuso emocional) e as suas consequências ao nível da saúde mental e no desenvolvimento das crianças, e negligenciam a ocorrência de múltiplos tipos de vitimação (por exemplo, abuso emocional e físico) (Hahm et al., 2010). Contudo, a literatura tem vindo a demonstrar que crianças que experienciaram mais que uma forma de vitimação apresentam um risco acrescido ao nível da saúde física, mental e emocional analogamente à experiência de VRI em diferentes contextos (Fogleman et al., 2021; Hahm et al., 2010; LoCascio et al., 2021; Spencer et al., 2019).

O conceito de vitimação múltipla é referente à vivência de duas ou mais formas de vitimação, como maus-tratos (físicos, emocionais e sexuais), exposição a violência familiar e/ou comunitária, *cyberbullying*, vandalismo, vitimação por pares e ameaças ou agressões, de múltiplos contextos de vida de um indivíduo (Brassard et al., 2020; Montiel et al., 2016; Sani et al., 2021). O conceito de polivitimação pressupõe a vivência de quatro ou mais formas de vitimação num determinado período

(Sani et al., 2021; Song et al., 2022; Turner et al., 2017). Assim, no presente estudo o termo vitimação múltipla será utilizado para descrever vivências de mais de duas formas de vitimação na infância e adolescência.

A literatura comprova que há uma forte associação entre a experiencição de acontecimentos traumáticos na infância e adolescência, quer seja uma única ou múltiplas formas de vitimação, e a saúde mental e comportamental na idade adulta (Baller & Lewis, 2021; Celsi et al., 2021; Hahm et al., 2010; Le et al., 2016; S. Li et al., 2019; Navarro et al., 2022; Nikulina et al., 2021; Seon et al., 2021; Widom et al., 2014). A vitimação na infância e adolescência pode induzir a um desenvolvimento mal adaptativo da criança em termos da habilidade de regulação de emoções (Gilbar & Ford, 2020; LoCascio et al., 2021), problemas de comportamentais como envolvimento em lutas e o consumo de substâncias (Le et al., 2016), uma pobre percepção do *self* e revitimização (LoCascio et al., 2021) e, na idade adulta, poderá desencadear problemas de saúde física e mental (Seon et al., 2021)

Considerando que a exposição a um único tipo de vitimação na infância pode desenvolver considerável impacto e consequências em diversas áreas da vida de uma criança e adolescente, quando há exposição a duas ou mais formas de vitimação, há um incremento do risco das vítimas desenvolverem complicações e problemas ao nível da saúde física e mental (Le et al., 2016; Y. Li et al., 2020; Sani et al., 2021; Seon et al., 2021). Mais especificamente, evidenciou-se uma associação entre experiencição de vários tipos de violência e impacto psicológico negativo, nomeadamente, sintomas depressivos e ansiosos, baixo nível de autoestima e problemas comportamentais e emocionais e ideação suicida (Le et al., 2016; Musicaro et al., 2019; Turner et al., 2017). Relativamente à ideação suicida, há uma forte associação com a vitimação múltipla, onde cerca de 12% de participantes do género feminino e 6% do género masculino referiram ter planeado o suicídio (Le et al., 2016).

Na investigação de Gilbar e Ford (2020), os resultados obtidos mostraram que a “polivitimação infantil” promove uma desregulação afetiva, relacional que pode originar em problemas de falta de confiança nos outros e de apego, e consequentemente desenvolver distúrbios comportamentais e emocionais nas relações íntimas. Da mesma forma, Pill et al. (2017) concluíram que os indivíduos vítimas de mais do que um tipo de violência, apresentam um maior risco para desenvolver sintomas de PSPT, e similarmente às vítimas de VRI, maior risco de serem diagnosticados com outras perturbações e problemas de desregulações afetiva e comportamental.

Tendo sido a vitimação prévia, sobretudo na infância e adolescência, considerada um fator de risco para a vitimação e perpetração de VRI, é fundamental perceber qual a associação que possa existir, de forma a elaborar medidas preventivas. A literatura existente sobre esta possível associação (Brassard et al., 2020; S. Li et al., 2019; Navarro et al., 2022; Richards et al., 2017; Seon et al., 2021; Widom et al., 2014) tem vindo a reportar que vítimas de VRI estão mais propensas a reportar vitimação prévia, tais como maus-tratos, exposição a VRI e negligência na infância e adolescência. Mais especificamente, segundo Widom et al. (2014) a negligência na infância aumenta a vulnerabilidade da pessoa para vitimação na idade adulta, nomeadamente, na vitimação de VRI.

A *scoping review* de Navarro et al. (2022), que analisa as experiências adversas na infância e a sua associação com a perpetração e vitimação de VRI, revelou que tanto para a perpetração como para a vitimação, o abuso físico e o abuso emocional na infância apresentam uma associação mais forte, seguidos pelo abuso sexual. Não obstante os resultados obtidos, os autores indicam que a existência de fatores externos, como problemas pessoais e delinquência, podem contribuir para que a vitimação na infância não seja uma condição necessária para a vitimação ou perpetração de VRI (Navarro et al., 2022), indo de acordo com outros autores (Li et al., 2019).

Contudo, a maior parte destas descobertas são apenas referentes à experiência de formas individuais de vitimação, havendo poucos estudos que abordam a temática da vitimação múltipla ou polivitimação (mais do que 4 formas de vitimação) como um preditor de VRI. De acordo com Brassard et al. (2020), experienciar mais do que uma forma de vitimação aumenta a probabilidade de experienciar diferentes formas de violência como a VRI, indo ao acordo com os resultados do estudo de LoCascio et al. (2021) onde concluíram que com o aumento do número de vitimação na infância, incrementa a probabilidade de vitimação na VRI. Outros estudos (Gilbar & Ford, 2020; Schokkenbroek et al., 2022) sugerem que a experiência de vitimação múltipla ou polivitimação está relacionada com a perpetração de violência em idade adulta, como VRI psicológica e sexual.

Em suma, vários estudos (Caridade et al., 2020; Caridade & Braga, 2019; Duerksen & Woodin, 2021; Fernet et al., 2019; Gilbar & Ford, 2020; Le et al., 2016; LoCascio et al., 2021; Marganski & Melander, 2018; Seon et al., 2021) reportaram que a vitimação múltipla na infância e adolescência aumenta a probabilidade de vitimação e/ou perpetração na VRI, uma vez que, a vitimação múltipla tem consequências adversas no saúde mental e comportamental da vítima, como sintomas depressivos e PSPT, que por sua vez aumenta o risco de vitimação em outros contextos de vida, como VRI.

Objetivos gerais e específicos do estudo

A literatura tem vindo a mostrar que há uma associação negativa entre a VRI e C-VRI e o desenvolvimento de sintomas depressivos e de stress pós-traumático (Costa & Gomes, 2018; Duerksen & Woodin, 2021; Fogleman et al., 2021; Pill et al., 2017; Schokkenbroek et al., 2022; Spencer et al., 2019).

Contudo, no que diz respeito à vitimação múltipla, poucos estudos investigaram a relação desta temática com impacto psicológico, nomeadamente o stress pós-traumático das vítimas de VRI, sendo mais significativa a escassez de estudos na C-VRI.

Posto isto, o propósito do nosso estudo foi analisar a VRI e C-VRI e sua possível associação com a vitimação múltipla. De um modo mais específico, propomos: (i) Analisar a prevalência de vitimação múltipla em vítimas de VR e C-VRI; (ii) Analisar o impacto psicológico em vítimas de VRI e C-VRI que relatam vitimação múltipla; (iii) Analisar o potencial de predição da vitimação múltipla na VRI e C-VRI; (iv) Analisar a vitimação múltipla como preditor de stress pós-traumático de vítimas de VRI.

Por conseguinte, e através da literatura existente, colocamos as seguintes hipóteses: (H1) Existe uma alta prevalência de vitimação múltipla em vítimas de VRI. (H2) A vitimação múltipla está associada a um aumento de impacto psicológico nas vítimas de VRI. (H3) A vitimação múltipla aumenta o risco de vitimação nas relações de intimidade. (H4) A vitimação múltipla aumenta o risco de stress pós-traumático em vítimas de VRI.

Metodologia

Participantes

A amostra inicial do presente estudo era constituída por 617 participantes, e após análise dos critérios de inclusão, foram retirados 291 participantes. Estes participantes foram excluídos por não se encontrarem no intervalo de idades definido (dos 18 anos aos 25 anos) e relataram nunca terem estado numa relação de intimidade.

Assim, a amostra final foi constituída por 326 participantes maioritariamente do sexo feminino (80.1%) com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos ($M=21.50$, $DP=2.03$) através da partilha de um questionário nas redes sociais e instituições universitárias. No que concerne à nacionalidade, a maioria é de nacionalidade portuguesa (93.6%), e 21 participantes relataram dupla nacionalidade (6.4%). Relativamente à situação relacional, 68.7% relataram estar numa relação no momento da recolha dos dados, e 31.3% relataram não estar numa relação, mas no passado estiveram (tabela 1).

Relativamente à duração da relação, a amostra obteve uma média de 28.30 meses (DP=24.9). Na tabela 1 estão descritas as características sociodemográficas dos participantes.

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica da amostra (N=326)

Variáveis		N (%)
Género	Feminino	261 (80.1)
	Masculino	65 (19.9)
Nacionalidade	Portuguesa	305 (93.6)
	Dupla Nacionalidade	21 (6.4)
Situação relacional	Sim, numa relação atual	224 (68.7)
	Não tenho relação atual, mas já tive no passado	102 (31.3)
Duração da relação	Menos de 1 ano	61 (18.7)
	Entre 1 ano e 3 anos	120 (36.8)
	Mais de 3 anos	145 (44.5)
		M (DP)
Idade		21.50 (2.03)
Duração da relação (meses)		28.30 (24.9)

Nota. M=média; DP=desvio padrão

Instrumentos

A recolha de dados foi realizada através de questionário online. Além de um breve questionário sociodemográfico, foram utilizados os seguintes questionários:

O questionário sociodemográfico era constituído por questões abertas relativas à idade e profissão, e questões fechadas relativas ao género, nacionalidade, orientação sexual, habilitações literárias, estado civil, nível socioeconómico e se esteve envolvido numa relação amorosa.

O *Conflict in Adolescents Dating Relationships Inventory – Short Form* (CADRI-S), é um instrumento que avalia a violência nas relações de intimidade, sendo constituído por dez perguntas, dois itens por cada categoria (abuso físico, comportamento ameaçador, abuso sexual, abuso relacional e abuso verbal/emocional), e as respostas eram “nunca”, “poucas vezes”, “algumas vezes”, “muitas vezes” ou “não se aplica”. Os itens estão numa escala de *Likert* de quatro pontos: 0. “Nunca”; 1. “Raramente”; 2. “Às vezes”; 3. “Muitas vezes”,. O alfa de *Cronbach* foi de 0.85, apresentando uma boa consistência interna (Fernández-González et al., 2012). Neste estudo, a versão traduzida de

CADRI-S, em validação para população portuguesa, apresentou um alfa de *Cronbach* 0.94 (alfa de *Cronbach* nas subescalas: Abuso físico 0.97; Comportamento ameaçador 0.97; Abuso sexual 0.93; Abuso relacional 0.88; Abuso verbal/emocional 0.82).

O Questionário de Ciber Abuso por Parceiro Íntimo (CiAPIIn), em validação para população portuguesa, é um instrumento de autorrelato que avalia comportamentos de ciber abuso, tais como a exposição a assédio, monitorização, humilhação e abuso verbal (Hamby, 2013 citado em Wolford-Clevenger et al., 2016), sendo constituído por nove questões relativas à perpetração de C-VRI nos relacionamentos atuais ou mais recentes numa escala de *Likert* de cinco pontos: 1- “1 vez”; 2-“2 vezes”; 3-“3 vezes”; 4-“4 vezes”; e 5-“5 vezes”. A versão original (Partner Cyber Abuse Questionnaire – PCAQ) apresenta uma consistência interna satisfatória com alfa de *Cronbach* de $\alpha=0.72$ e, no presente estudo, foi obtido um alfa de 0.77.

O Inventário de Sintomas Psicopatológicos, adaptação portuguesa de Canavarro (1999) do Brief Symptom Inventory (BSI), que avalia sintomas psicopatológicos com base em nove aspetos de sintomatologia como a Somatização, Obsessões-Compulsões, Sensibilidade Interpessoal, Depressão, Ansiedade, Hostilidade, Ansiedade Fóbica, Ideação Paranoide e Psicoticismo. Neste caso, apenas iremos incluir as perguntas referentes ao aspeto da Somatização, Depressão e Ansiedade. No presente estudo foi usada a adaptação portuguesa por Canavarro (1999) que apresenta uma consistência interna adequada, com alfa de *Cronbach* de $\alpha=0.80$, $\alpha=0.73$ e $\alpha=0.77$, respetivamente. O presente estudo apresenta um alfa de *Cronbach* de 0.90 para a dimensão de somatização, 0.92 para a dimensão de depressão e 0.89 para a dimensão de ansiedade.

O *Posttraumatic Stress Disorder Checklist* (PCL-V), é um instrumento de autorrelato que avalia a presença e a severidade de sintomas de stress pós-traumático associados à Perturbação de Stress Pós-Traumático, segundo os critérios descritos do DSM-5 (Blevins et al., 2015; Weathers et al., 2013). É constituído por 20 itens numa escala de *likert* de 5 pontos, que varia de 0 (“Nada”) a 4 (“Extremamente”). A versão traduzida do PCL-V de Carvalho et al. (2020) foi utilizada para o presente estudo e apresentou uma consistência interna adequada ($\alpha=0.94$). O presente estudo obteve uma consistência interna adequada ($\alpha=0.96$).

O *Juvenile victimisation questionnaire – 2nd revised* (JVQ-R2), é um questionário que avalia a exposição à vitimação ao longo da vida em vários contextos de vida, sendo útil para avaliar a experiencição de vitimação múltipla, permitindo estimar a taxa total de vitimação infantil e juvenil

(Finkelhor et al., 2011). É constituído por 38 perguntas, das quais foram utilizadas apenas 12, divididas em cinco categorias: três perguntas em crime convencional; uma pergunta em maus-tratos infantis; três perguntas em vitimação por pares ou irmãos; duas perguntas em vitimação sexual; três perguntas exposição a violência, como por exemplo, exposição a violência doméstica. Para cada pergunta, o participante apenas teve de responder com “sim” ou “não”. A consistência interna do instrumento obteve valores adequados ($\alpha=0.80$) (Finkelhor et al., 2011). No presente estudo foi obtido um alfa de *Cronbach* de 0.70, apresentando uma consistência interna satisfatória.

Procedimento

O presente estudo foi submetido à Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) da Universidade do Minho.

Para a realização deste estudo, foi previamente requerido as autorizações necessárias dos autores dos instrumentos já referidos. O questionário desenvolvido foi disponibilizado numa plataforma online, através de um *link* no Google Docs, e foi partilhado através da publicação do mesmo em redes sociais e juntos de instituições universitárias.

Na parte inicial do questionário é apresentado aos participantes uma explicação do estudo, na qual expõe o objetivo e os critérios de inclusão associados ao estudo. Para que os participantes pudessem começar o preenchimento do questionário, foi-lhes solicitado o preenchimento de um consentimento informado, enfatizando a confidencialidade dos dados bem como a sua participação voluntária no estudo, dando a possibilidade de o participante desistir a qualquer momento caso seja a sua vontade. Posteriormente, os participantes que aceitaram o consentimento informado responderam a um questionário sociodemográfico breve, seguindo para os instrumentos referidos anteriormente.

O questionário teve uma duração média de 20 minutos e após o seu preenchimento, por se tratar de um estudo que envolve situações de violência onde pode surgir desconforto relacionados com experiências de vitimação, foram disponibilizadas linhas de apoio psicológico aos participantes (SOS Voz Amiga, Conversa Amiga e Telefone da amizade).

Análise de dados

Os dados foram tratados de forma confidencial e submetidos à análise estatística utilizando o *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 28 para Windows, recorrendo a análises estatísticas descritivas e inferenciais. Primeiramente, foram realizadas análises descritivas para a caracterização da amostra e para determinar a prevalência da vitimação múltipla em vítimas de VRI e

C-VRI (objetivo 1). Seguidamente, foram realizadas análises bivariadas e inferenciais para investigar a relação entre a vitimação múltipla, a VRI e C-VRI e o impacto psicológico das vítimas (objetivo 2). Em virtude de os dados não apresentarem uma distribuição que atende aos pressupostos de normalidade, foram estabelecidas as correlações de *Spearman* entre as variáveis e foi realizado teste de *Mann-Whitney* para avaliar as diferenças no impacto da vitimação múltipla em vítimas de VRI. Por fim, foram conduzidos métodos de regressão logística para descrever a relação/associação entre vitimação múltipla, vitimação de VRI e C-VRI, impacto psicológico e perturbação de stress pós-traumático (objetivos 3 e 4)

Resultados

A tabela 2 indica-nos a prevalência de vitimação de VRI e C-VRI, tal como, e a experiência de vitimação múltipla na infância e adolescência. Os resultados indicam que 69.3% dos participantes relataram ter sido vítimas de VRI pelo menos uma vez. De igual forma para a C-VRI, verificou-se indicadores prevalentes, com 39.3% dos participantes reportarem terem sido vítimas na sua relação íntima. Já na vitimação múltipla, 71.5% dos participantes relataram ter experienciado mais do que 2 tipos de vitimação na infância.

Tabela 2

Prevalência de vitimação de VRI, vitimação de C-VRI e vitimação múltipla

	Vítima n(%)	Não Vítima n(%)
VRI	226 (69.3)	100 (30.7)
C-VRI	128 (39.3)	198 (60.7)
Vitimação Múltipla	233 (71.5)	93 (28.5)

Nota. VRI: Violência nas relações de intimidade; C-VRI: ciber violência nas relações de intimidade.

A Tabela 3 descreve as análises bivariadas que foram realizadas para examinar a relação entre as variáveis: vitimação de VRI e C-VRI, impacto psicológico (somatização, depressão e ansiedade), stress pós-traumático e vitimação múltipla. Os resultados obtidos revelam correlações positivas significativas entre todas as variáveis de estudo.

Tabela 3*Correlações de Spearman entre as variáveis de estudo*

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7
1. VRI							
2. C-VRI	0.59**						
3. Somatização	0.23**	0.25**					
4. Depressão	0.26**	0.25**	0.62**				
5. Ansiedade	0.23**	0.23**	0.75**	0.73**			
6. Stress Pós-Traumático	0.33**	0.34**	0.52**	0.65**	0.65**		
7. Vitimação Múltipla	0.18**	0.23**	0.28**	0.23**	0.27**	0.28**	

Nota. ** $p < 0.01$.

Relativamente à prevalência de vitimação múltipla em vítimas de VRI foi possível verificar que cerca de 72.5% das vítimas de VRI reportaram ter experienciado vitimação múltipla ($\chi^2=3.95$, $p=.047$). Na vitimação de C-VRI, os resultados indicam que 44.6% das vítimas de C-VRI reportaram ter experienciado vitimação múltipla ($\chi^2= 9.88$, $p=.002$)(Tabela 4). Para além disso, é fundamental referir que quando os participantes não relatam terem experienciado vitimação múltipla, a vitimação de VRI apresenta de igual forma uma elevada prevalência (61.3%).

Tabela 4*Prevalência de vitimação múltipla em vítimas de VRI e C-VRI.*

	VRI			C-VRI		
	Não Vítima	Vítima	χ^2	Não Vítima	Vítima	χ^2
	$n(\%)$	$n(\%)$		$n(\%)$	$n(\%)$	
Vitimação Múltipla	Não Vítima	36 (38.7)	57 (61.3)	69 (74.2)	24 (25.8)	9.88**
	Vítima	64 (27.5)	169 (72.5)	129 (55.4)	104 (44.6)	

Nota. VRI: Violência nas relações de intimidade; C-VRI: Ciber violência nas relações de intimidade; $p < 0.05^*$

Os resultados apresentados na tabela 5 indicam que as vítimas de VRI que relatam terem experienciado vitimação múltipla apresentam uma classificação significativamente maior do que vítimas de VRI que relatam nunca terem experienciado vitimação múltipla, ou seja, vítimas de VRI com vitimação múltipla na infância relatam um impacto significativamente maior quando comparadas com vítimas de VRI sem vitimação múltipla. De um modo mais específico, o impacto psicológico é demonstrado a partir da Somatização, Depressão e Ansiedade, verificando-se a existência de diferenças significativas entre vitimação múltipla em vítimas de VRI ($U= 3168.5$, $Z= -3.882$, $p < 0.001$, $r=0.26$;

(Ciber)Violência nas Relações de Intimidade

U=3438.5, Z= -2.011, p=0.001, r= 0.21; U=2964.5, Z= -4.346, p<0.001, r=0.29 respectivamente). Contudo, segundo Cohen (1988), valores de $r < 0.3$ são considerados tamanhos de efeito fracos. Assim, apesar de se verificar uma relação estatisticamente significativa, a sua magnitude é fraca.

Tabela 5

Diferença entre médias de VRI em função de vitimação múltipla (teste U de Mann-Whitney).

	Vitimação Múltipla		Mann-Whitney <i>U</i>
	Não Vítima ^a MR	Vítima ^b MR	
Somatização	84.59	123.25	3168.5**
Depressão	89.32	121.65	3438.5*
Ansiedade	81.01	124.46	2964.5**

Nota. MR: *Mean Ranks*; U: Estatística de teste U de *Mann-Whitney*.

^aeste grupo inclui 57 indivíduos vítimas de VRI que não reportaram vitimação múltipla. ^beste grupo inclui 104 indivíduos vítimas de VRI que reportaram vitimação múltipla.

*p<0.05 **p<0.001

Na tabela 6 estão apresentados os resultados relativos à C-VRI. Analogamente aos resultados obtidos na VRI, para a somatização e ansiedade, verificou-se a existência de diferenças significativas entre vítimas de VRI com vitimação múltipla na infância e sem vitimação múltipla na infância, contudo a magnitude do efeito é fraca (U= 890.0, Z= -2.192, p=0.028, r=0.19; U=922.0, Z= -1.993, p=0.046, r=0.18, respectivamente). Contrariamente ao resultado obtido na VRI, para a depressão, não se verificou a existência de diferenças significativas (U=1018.0, Z= -1.406, p=0.160).

Tabela 6

Diferença entre médias de C-VRI em função de vitimação múltipla (teste U de Mann-Whitney).

	Vitimação Múltipla		Mann-Whitney <i>U</i>
	Não Vítima ^a MR	Vítima ^b MR	
Somatização	49.58	67.94	890.0*
Depressão	54.92	66.71	1018.0
Ansiedade	50.92	67.63	922.0*

Nota. MR: *Mean Ranks*; U: Estatística de teste U de *Mann-Whitney*.

^aeste grupo inclui 24 indivíduos vítimas de C-VRI que não reportaram vitimação múltipla. ^beste grupo inclui 104 indivíduos vítimas de C-VRI que reportaram vitimação múltipla.

*p<0.05

De modo a estimar a vitimação múltipla como preditor da C-VRI e VRI, foi realizada uma regressão logística e os resultados estão descritos na tabela 7, com a vitimação múltipla a ser a variável independente, e C-VRI e VRI variáveis dependentes. Os resultados indicam que a vitimação múltipla surge como um preditor significativo de C-VRI e VRI (OR=2.318, IC 95%: 1.362,3.944 e OR=1.668, IC 95%: 1.005, 2.768, respetivamente). Relativamente à VRI, ao analisar as diferentes tipologias, a vitimação múltipla apenas surge como preditor de abuso sexual (OR=2.563, IC 95%: 1.040, 6.317).

Tabela 7

Regressão logística de vitimação múltipla nas vítimas de VRI e C-VRI

	B	DP	Wald	OR [95% IC]
C-VRI	0.84	0.27	9.61	2.32* [1.36, 3.94]
VRI	0.51	0.26	3.91	1.67* [1.01, 2.77]
Abuso Físico	0.39	0.52	0.55	1.47 [0.53, 4.09]
Ameaça	0.31	0.48	0.41	1.36 [0.53, 3.51]
Abuso Sexual	0.94	0.46	4.18	2.56* [1.04, 6.32]
Abuso Relacional	0.63	0.41	2.33	1.88 [0.84, 4.22]
Abuso Emocional	0.41	0.23	2.59	1.51 [0.91, 2.49]

Nota. OR: *odds ratio*; IC: intervalo de confiança; B: coeficiente de regressão logística;

DP: desvio padrão

*p<0.05

Discussão

Este estudo tinha como propósito analisar a vitimação de VRI e C-VRI e a experiência de vitimação múltipla na infância e na adolescência. Mais especificamente, um dos objetivos do presente estudo era analisar as prevalências de VRI e C-VRI, e a prevalência de vitimação múltipla em vítimas de VRI e C-VRI.

Quanto ao primeiro objetivo deste estudo, os participantes foram agrupados em diferentes grupos com base na presença ou ausência de vitimação VRI/C-VRI e vitimação múltipla. Analogamente a outros trabalhos (Caridade et al., 2020; Cava et al., 2020; Fernet et al., 2019; Marganski & Melander, 2018; Melander & Marganski, 2020; Saial, 2021), este estudo encontrou consideráveis

indicadores de vitimação de VRI (69.3%) e de C-VRI (39.3%). Os resultados encontrados estão em concordância com os resultados obtidos por Caridade et al., (2020), desenvolvido com uma amostra portuguesa, com indicadores de vitimação de VRI (39.9%) e vitimação de C-VRI (40.2%). O facto de no presente estudo se verificar uma taxa de prevalência significativamente superior no que diz respeito à VRI, pode ser explicado pelo tipo de amostra do estudo e o instrumento utilizado na recolha de dados. Relativamente à ciber vitimação, os indicadores são mais baixos do que os encontrados em estudos internacionais (Marganski & Melander, 2018; McClure & Parmenter, 2017; Toplu-Demirtaş et al., 2022), e nacionais (Monteiro et al., 2023). No que concerne à vitimação múltipla, vários estudos (Brassard et al., 2020; Gilbar & Ford, 2020; Sani et al., 2021; Widom et al., 2014) têm revelado que a vitimação na infância e adolescência pode tornar-se num preditor para outras ocorrências de vitimação, sendo um fenómeno preponderante em crianças e jovens, algo que podemos constatar no presente estudo, com 71.5% da amostra a referir ter experienciado vitimação múltipla. Relativamente à associação entre VRI e C-VRI com vitimação múltipla, em termos de prevalências verificou-se que vítimas múltiplas e vítimas de VRI apresentava uma maior taxa (72.5%) quando comparadas com vítimas de VRI sem vitimação múltipla na infância (61.3%), verificando-se o mesmo para C-VRI (44.6% e 25.8%, respetivamente), corroborando assim a primeira hipótese de estudo (H1). Posto isto, os resultados são consistentes com a maioria dos estudos que analisam a associação de vitimação múltipla e/ou polivitimação com posterior vitimação na vida adulta, nomeadamente, VRI e C-VRI (Brassard et al., 2020; Li et al., 2020; McClure & Parmenter, 2017; Richards et al., 2017; Widom et al., 2014).

Foram examinadas as correlações entre as variáveis em estudo e os resultados revelaram correlações positivas entre todas as variáveis. Os resultados confirmaram uma relação entre as duas formas de vitimação nas relações íntimas, *offline* e *online*, indo ao encontro a estudos prévios que analisaram a relação destas duas tipologias (Caridade et al., 2020; Cava et al., 2020; Duerksen & Woodin, 2021; Fogleman et al., 2021). Além disso, os resultados sugerem também evidências de que a vitimação múltipla na infância e adolescência está associada a comportamentos de vitimação nas relações íntimas, ou seja, quando a vitimação múltipla aumenta, aumenta também a vitimação nas relações, estando em consonância com outros estudos (Nikulina et al., 2021; Song et al., 2022; Widom et al., 2014).

A vitimação múltipla na infância e adolescência surge igualmente associado a problemas de saúde mental e comportamental (Gilbar & Ford, 2020). Alguns estudos (Cénat et al., 2021; Gilbar & Ford, 2020; Iverson et al., 2022) sugerem que o funcionamento psicossocial negativo atua como

mediador na relação entre vitimação múltipla e vitimação e perpetração de VRI e C-VRI, mas o pressuposto do presente estudo foi avaliar se a vitimação múltipla está associado a um aumento do impacto psicológico nas vítimas de VRI e C-VRI. Embora se tenha encontrado diferenças estatisticamente significativas, é importante notar que a magnitude do efeito observado foi pequena. Assim, os resultados obtidos parecem dar algum suporte de que vítimas de VRI e C-VRI que relataram terem experienciado vitimação múltipla apresentaram mais sintomas psicopatológicos, caracterizado por um aumento de sintomas de somatização, depressão e ansiedade. Não obstante a magnitude do efeito observado ser fraco, os resultados obtidos sugerem que a vitimação múltipla pode aumentar a vulnerabilidade das vítimas de VRI e C-VRI, fornecendo algum suporte à segunda hipótese deste estudo (H2). Em virtude disto, parece haver evidências de um suporte à teoria da aprendizagem social, que postula que a exposição ou experienciar violência na infância pode levar a uma maior vulnerabilidade na idade adulta (Bandura & Walters, 1977; Hines & Saudino, 2016). Contrariamente ao que seria esperado, quando se analisou a C-VRI e sintomatologia de depressão, o impacto psicológico nas vítimas múltiplas foi similar ao impacto de não vítimas múltiplas. Similarmente, num estudo de Li et al. (2020), onde analisaram os relatos de 87 mulheres vítimas de VRI no último ano e com experiências de vitimação na infância, encontraram sintomas depressivos e de PTSD inferiores aos esperados quando as vítimas tinham experienciado negligência emocional ou a separação dos progenitores. Estes resultados podem ser explicados pela percepção de vitimação dos próprios indivíduos a diferentes tipos de vitimação na infância, sendo assim fundamental perceber o impacto de cada tipo de vitimação na infância e a sua relação com a vitimação de VRI na idade adulta (Li et al., 2020; Martins et al., 2021).

Neste estudo, os resultados indicam que a experenciação de vitimação múltipla, não surge apenas associado a um maior impacto ao nível da saúde mental, como também surge como um preditor de vitimação de VRI e C-VRI na idade adulta, uma vez que os resultados apresentaram uma relação positiva e significativa entre eles, sugerindo que vitimação múltipla aumenta o risco de vitimação de VRI e C-VRI, corroborando a terceira hipótese do estudo (H3). Estes resultados estão em concordância com estudos prévios que também encontraram evidências do fator preditivo da vitimação prévia na vitimação nas relações de intimidade (Brassard et al., 2020; Celsi et al., 2021; Nikulina et al., 2021; Richards et al., 2017; Song et al., 2022; Widom et al., 2014). Assim, os indivíduos que durante a infância e/ou adolescência foram vítimas apresentam um maior risco de experienciar violência íntima na idade adulta. Para C-VRI, o risco encontrado foi 2 vezes maior em indivíduos com experiências de vitimação múltipla, enquanto para a VRI, o risco foi de 1.7 vezes maior.

Relativamente ao quarto objetivo, referente à vitimação múltipla ser um preditor de stress pós-traumático de vítimas de VRI, não foi possível executar os testes necessários para analisar a quarta hipótese. Uma vez que stress pós-traumático foi avaliado através da escala PCL-V, a natureza das variáveis de estudo limitaram a execução de análises estatísticas necessárias usualmente utilizadas nas análises de predição. Não obstante, os resultados do estudo revelam uma associação entre as variáveis.

Conclusão

O presente estudo analisou a relação entre a vitimação múltipla na infância e adolescência e posterior vitimação na idade adulta, nomeadamente de VRI e C-VRI. Os resultados principais vieram demonstrar que efetivamente a vitimação múltipla e VRI e C-VRI estão positivamente correlacionadas e que vítimas múltiplas apresentam um maior risco para a vitimação de VRI e C-VRI. Assim, o presente estudo amplia o conhecimento sobre a vitimação múltipla e as suas implicações no futuro dessas vítimas, através da identificação de prevalências e as relações entre vitimação múltipla e vitimação na idade adulta.

No entanto, é crucial ressaltar algumas limitações que possam condicionar as conclusões e as suas implicações. Em primeiro lugar, destaca-se a discrepância amostral quanto ao sexo dos participantes, com uma predominância de indivíduos do sexo feminino, assim consideramos que seria importante um maior equilíbrio amostral em termos de género. Outra limitação é o facto da amostra do presente estudo, com cariz transversal, ser de conveniência, e dessa forma, impossibilitar a generalização dos resultados obtidos para a população portuguesa. Propomos o desenvolvimento de estudos longitudinais, já que ao analisar vitimação na infância, por se tratar de um estudo retrospectivo, os participantes podem não se recordar de certos eventos ou não ter a perceção que foram vítimas. Outro aspeto a considerar é o uso de instrumentos de autorrelato, uma vez que este tipo de instrumento é mais suscetível à desejabilidade social. Adicionalmente, em termos de análises estatísticas, é importante salientar a incompatibilidade das escalas das variáveis com a análise estatística que impossibilitou a examinar a relação preditiva referente ao objetivo 4, deste modo, recomenda-se para estudos futuros a utilização de escalas compatíveis de modo a analisar a relação de predição entre as variáveis e a inclusão de novas variáveis relevantes ao fenómeno em estudo. Por último, observou-se uma magnitude de efeito pequena. Embora haja diferenças significativas estas podem não ser substanciais, assim, recomendamos uma amostra maior e inclusão de outras variáveis de modo a analisar detalhadamente o impacto psicológico de vítimas de VRI e C-VRI que reportaram

vitimação múltipla. De igual modo, seria relevante perceber se diferentes tipologias de vitimação na infância produzem diferentes efeitos na vitimação e/ou perpetração nas relações íntimas na idade adulta.

Em consonância com outros estudos (Heinze et al., 2021; Y. Li et al., 2020; Navarro et al., 2022; Seon et al., 2021), é fundamental implementar e reforçar o trabalho da prevenção de vitimação na infância e adolescência, como programas de sensibilização e de apoio de modo a reduzir a incidência e, conseqüentemente, reduzir o impacto psicológico e a vulnerabilidade das crianças e jovens de se tornarem vítimas na idade adulta (Bandura & Walters, 1977; Brassard et al., 2020; Hines & Saudino, 2016; Navarro et al., 2022). Para além disso, os resultados do presente estudo sugerem que intervenções focadas no trauma podem prevenir a adoção de comportamentos de risco que se podem traduzir em vitimação e/ou perpetração de crimes na idade adulta. Em suma, é fundamental a adaptação das estratégias de intervenção a uma abordagem holística de vitimação do indivíduo ao longo da vida e em contextos diferentes (Gonçalves & Matos, 2020; Navarro et al., 2022)

Referências

- Baller, S. L., & Lewis, K. (2021). Adverse Childhood Experiences, Intimate Partner Violence, and Communication Quality in a College-Aged Sample. *Journal of Family Issues, 43*(9), 2420–2437. <https://doi.org/10.1177/0192513X211030928>
- Bandura, A., & Walters, R. H. (1977). *Social learning theory* (Vol. 1). Englewood cliffs Prentice Hall.
- Blevins, C. A., Weathers, F. W., Davis, M. T., Witte, T. K., & Domino, J. L. (2015). The Posttraumatic Stress Disorder Checklist for DSM-5 (PCL-5): Development and Initial Psychometric Evaluation. *Journal of Traumatic Stress, 28*(6), 489–498. <https://doi.org/10.1002/jts.22059>
- Brassard, A., Tourigny, M., Dugal, C., Lussier, Y., Sabourin, S., & Godbout, N. (2020). Child Maltreatment and Polyvictimization as Predictors of Intimate Partner Violence in Women From the General Population of Quebec. *Violence Against Women, 26*(11), 1305–1323. <https://doi.org/10.1177/1077801219857824>
- Brown, C., & Hegarty, K. (2018). Digital dating abuse measures: A critical review. *Aggression and Violent Behavior, 40*, 44–59. <https://doi.org/10.1016/J.AVB.2018.03.003>
- Canavarro, M. C. S. (1999). Inventário de Sintomas Psicopatológicos - B.S.I. Em *Testes E Provas Psicológicas Em Portugal* (Vol. 3, Número 2).
- Caridade, S., & Braga, T. (2019). The Portuguese version of the Cyber Dating Abuse Questionnaire (CDAQ): Adapting and psychometric properties. *Análise Psicológica, 37*(1), 93–105. <https://doi.org/10.14417/AP.1543>
- Caridade, S., Braga, T., & Borrajo, E. (2019). Cyber dating abuse (CDA): Evidence from a systematic review. *Aggression and Violent Behavior, 48*, 152–168. <https://doi.org/10.1016/J.AVB.2019.08.018>
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica, 24*(4), 485–493. <https://doi.org/10.14417/AP.541>
- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *PSICOLOGIA, 27*(1), 91–113.

- <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v27i1.244>
- Caridade, S., Pedrosa e Sousa, H. F., & Dinis, M. A. P. (2020). Cyber and Offline Dating Abuse in a Portuguese Sample: Prevalence and Context of Abuse. *Behavioral Sciences 2020, Vol. 10, Page 152, 1Q(10)*, 152. <https://doi.org/10.3390/BS10100152>
- Carvalho, T., da Motta, C., & Pinto-Gouveia, J. (2020). Portuguese version of the Posttraumatic Stress Disorder Checklist for DSM-5 (PCL-5): Comparison of latent models and other psychometric analyses. *Journal of Clinical Psychology, 76(7)*, 1267–1282. <https://doi.org/10.1002/jclp.22930>
- Cava, M. J., Buelga, S., Carrascosa, L., & Ortega-barón, J. (2020). Relations among Romantic Myths, Offline Dating Violence Victimization and Cyber Dating Violence Victimization in Adolescents. *International Journal of Environmental Research and Public Health 2020, Vol. 17, Page 1551, 17(5)*, 1551. <https://doi.org/10.3390/IJERPH17051551>
- Celsi, L., Paleari, F. G., & Fincham, F. D. (2021). Adverse Childhood Experiences and Early Maladaptive Schemas as Predictors of Cyber Dating Abuse: An Actor-Partner Interdependence Mediation Model Approach. *Frontiers in Psychology, 12*, 591. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.623646>
- Cénat, J. M., Smith, K., Hébert, M., & Derivois, D. (2021). Polyvictimization and Cybervictimization Among College Students From France: The Mediation Role of Psychological Distress and Resilience. *Journal of Interpersonal Violence, 36(17–18)*, NP9252–NP9271. <https://doi.org/10.1177/0886260519854554>
- Cohen, J. (1988). *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences*. <https://doi.org/10.4324/9780203771587>
- Costa, E. C. V., & Gomes, S. C. (2018). Social Support and Self-Esteem Moderate the Relation Between Intimate Partner Violence and Depression and Anxiety Symptoms Among Portuguese Women. *Journal of Family Violence, 33(5)*, 355–368. <https://doi.org/10.1007/s10896-018-9962-7>
- Duerksen, K. N., & Woodin, E. M. (2021). Cyber Dating Abuse Victimization: Links With Psychosocial Functioning. *Journal of Interpersonal Violence, 36(19–20)*, NP10077–NP10105. <https://doi.org/10.1177/0886260519872982>
- Faus, D. P. (2022). *Violência familiar na infância, violência no namoro e saúde mental na adolescência*. <https://www.btd.uerj.br:8443/handle/1/18006>
- Fernández-Fillol, C., Pitsiakou, C., Perez-Garcia, M., Teva, I., & Hidalgo-Ruzzante, N. (2021). Complex PTSD in survivors of intimate partner violence: risk factors related to symptoms and diagnoses. *European journal of psychotraumatology, 12(1)*. <https://doi.org/10.1080/20008198.2021.2003616>
- Fernández-González, L., Wekerle, C., & Goldstein, A. L. (2012). Measuring adolescent dating violence: Development of Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI) Short Form. *Advances in Mental Health, 2280–2324*. <https://doi.org/10.5172/JAMH.2012.2280>
- Fernet, M., Lapierre, A., Hébert, M., & Cousineau, M. M. (2019). A systematic review of literature on cyber intimate partner victimization in adolescent girls and women. *Computers in Human Behavior, 100*, 11–25. <https://doi.org/10.1016/J.CHB.2019.06.005>
- Finkelhor, D., Hamby, S., Turner, H., & Ormrod, R. (2011). *The Juvenile Victimization Questionnaire: 2nd Revision (JVQ-R2)*. Durham, NH: Crimes Against Children Research Center.
- Fogleman, N. D., McQuade, J. D., Mehari, K. R., & Becker, S. P. (2021). In-person victimization, cyber victimization, and polyvictimization in relation to internalizing symptoms and self-esteem in adolescents with attention-deficit/hyperactivity disorder. *Child: Care, Health and Development, 47(6)*, 805–815. <https://doi.org/10.1111/CCH.12888>
- Gilbar, O., & Ford, J. (2020). Indirect effects of PTSD and complex PTSD in the relationship of polyvictimization with intimate partner violence victimization and perpetration among men in mandated treatment. *European journal of psychotraumatology, 11(1)*. <https://doi.org/10.1080/20008198.2020.1794653>

- Gilbert, L. K., Zhang, X., Basile, K. C., Breiding, M., & Kresnow, M. J. (2022). Intimate Partner Violence and Health Conditions Among U.S. Adults—National Intimate Partner Violence Survey, 2010–2012. *Journal of interpersonal violence*. <https://doi.org/10.1177/08862605221080147>
- Gómez-López, M., Viejo, C., & Ortega-Ruiz, R. (2019). Well-Being and Romantic Relationships: A Systematic Review in Adolescence and Emerging Adulthood. *International Journal of Environmental Research and Public Health* 2019, Vol. 16, Page 2415, 16(13). <https://doi.org/10.3390/IJERPH16132415>
- Gonçalves, M., & Matos, M. (2020). Lifetime victimization: identifying frequency and emotional (dis) adjustment among Portuguese and immigrant women. *Victims & Offenders*, 15(6), 771–792.
- Gracia-Leiva, M., Puente-Martínez, A., Ubillos-Landa, S., & Páez-Rovira, D. (2019). La violencia en el noviazgo (VN): una revisión de meta-análisis. *Anales de Psicología / Annals of Psychology*, 35(2), 300–313. <https://doi.org/10.6018/ANALES.35.2.333101>
- Hahm, H. C., Lee, Y., Ozonoff, A., & van Wert, M. J. (2010). The impact of multiple types of child maltreatment on subsequent risk behaviors among women during the transition from adolescence to young adulthood. *Journal of Youth and Adolescence*, 39(5). <https://doi.org/10.1007/s10964-009-9490-0>
- Hébert, M., Daspe, M. È., Lapierre, A., Godbout, N., Blais, M., Fernet, M., & Lavoie, F. (2019). A Meta-Analysis of Risk and Protective Factors for Dating Violence Victimization: The Role of Family and Peer Interpersonal Context. *Trauma, Violence, and Abuse*, 20(4), 574–590. <https://doi.org/10.1177/1524838017725336>
- Heinze, J. E., Hsieh, H. F., Thulin, E. J., Howe, K., Miller, A. L., & Zimmerman, M. A. (2021). Adolescent exposure to violence and intimate-partner violence mediated by mental distress. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 72. <https://doi.org/10.1016/J.APPDEV.2020.101215>
- Herzberger, S. D. (2019). Violence within the family: Social psychological perspectives. Em *Violence within the Family: Social Psychological Perspectives*. <https://doi.org/10.4324/9780429503252>
- Hines, D. A., & Saudino, K. J. (2016). Intergenerational Transmission of Intimate Partner Violence. *Trauma, Violence, & Abuse*, 3(3), 210–225. <https://doi.org/10.1177/15248380020033004>
- Iverson, K. M., Rossi, F. S., Nillni, Y. I., Fox, A. B., & Galovski, T. E. (2022). PTSD and Depression Symptoms Increase Women’s Risk for Experiencing Future Intimate Partner Violence. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(19), 12217. <https://doi.org/10.3390/IJERPH191912217/S1>
- Lamis, D. A., Cavanaugh, C. E., Anastasiades, M. H., Garcia-Williams, A., Anderson, C., & Kaslow, N. J. (2016). Intimate Partner Sexual Coercion Mediates the Childhood Sexual Abuse–Suicidal Ideation Link Among African American Women. *Journal of Black Psychology*, 43(3), 305–324. <https://doi.org/10.1177/0095798416644885>
- Le, M. T. H., Holton, S., Nguyen, H. T., Wolfe, R., & Fisher, J. (2016). Poly-victimisation and health risk behaviours, symptoms of mental health problems and suicidal thoughts and plans among adolescents in Vietnam. *International Journal of Mental Health Systems*, 10(1), 1–12. <https://doi.org/10.1186/s13033-016-0099-x>
- Li, S., Zhao, F., & Yu, G. (2019). Childhood maltreatment and intimate partner violence victimization: A meta-analysis. *Child Abuse & Neglect*, 88, 212–224. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2018.11.012>
- Li, Y., Herbell, K., Bloom, T., Sharps, P., & Bullock, L. F. C. (2020). Adverse Childhood Experiences and Mental Health among Women Experiencing Intimate Partner Violence. *Issues in Mental Health Nursing*, 41(9), 785–791. <https://doi.org/10.1080/01612840.2020.1731636>
- LoCascio, M., Infurna, M. R., Guarnaccia, C., Mancuso, L., Bifulco, A., & Giannone, F. (2021). Does Childhood Psychological Abuse Contribute to Intimate Partner Violence Victimization? An

- Investigation Using the Childhood Experience of Care and Abuse Interview. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(9–10), NP4626-4652. <https://doi.org/10.1177/0886260518794512>
- Lu, Y., Van Ouytsel, J., & Temple, J. R. (2021). In-person and cyber dating abuse: A longitudinal investigation. *Journal of Social and Personal Relationships*, 38(12), 3713–3731. <https://doi.org/10.1177/02654075211065202>
- Marganski, A., & Melander, L. (2018). Intimate Partner Violence Victimization in the Cyber and Real World: Examining the Extent of Cyber Aggression Experiences and Its Association With In-Person Dating Violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 33(7), 1071–1095. <https://doi.org/10.1177/0886260515614283>
- Martins, J. S. T. O., Dinis, M. A. P., Caridade, S. M. M., Sousa, H. F. P. E., & Moura, A. de P. R. de. (2021). Adverse childhood experiences and delinquent behaviour: Predictors and mediating variables. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 48, 75–82. <https://doi.org/10.15761/0101-60830000000284>
- Matos, M. (2006). *Violência nas relações de intimidade: estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher*. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/5735>
- McClure, M. M., & Parmenter, M. (2017). Childhood Trauma, Trait Anxiety, and Anxious Attachment as Predictors of Intimate Partner Violence in College Students. *Journal of Interpersonal Violence*, 35(23–24), 6067–6082. <https://doi.org/10.1177/0886260517721894>
- Melander, L. A., & Marganski, A. J. (2020). Cyber and in-person intimate partner violence victimization: Examining maladaptive psychosocial and behavioral correlates. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 14(1). <https://doi.org/10.5817/CP2020-1-1>
- Mennicke, A., Coates, C. A., Jules, B., & Langhinrichsen-Rohling, J. (2022). Who do They Tell? College Students' Formal and Informal Disclosure of Sexual Violence, Sexual Harassment, Stalking, and Dating Violence by Gender, Sexual Identity, and Race. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(21–22). <https://doi.org/10.1177/08862605211050107>
- Monteiro, A. P., Guedes, S., & Correia, E. (2023). Cyber Dating Abuse in Higher Education Students: Self-Esteem, Sex, Age and Recreational Time Online. *Social Sciences 2023, Vol. 12, Page 139, 12(3)*, 139. <https://doi.org/10.3390/SOCSCI12030139>
- Montiel, I., Carbonell, E., & Pereda, N. (2016). Multiple online victimization of Spanish adolescents: Results from a community sample. *Child Abuse & Neglect*, 52, 123–134. <https://doi.org/10.1016/J.CHIABU.2015.12.005>
- Musicaro, R. M., Spinazzola, J., Arvidson, J., Swaroop, S. R., Goldblatt Grace, L., Yarrow, A., Suvak, M. K., & Ford, J. D. (2019). The Complexity of Adaptation to Childhood Polyvictimization in Youth and Young Adults: Recommendations for Multidisciplinary Responders. *Trauma, Violence, and Abuse*, 20(1), 81–98. <https://doi.org/10.1177/1524838017692365>
- Navarro, R., Larrañaga, E., Yubero, S., & Villora, B. (2022). Associations between Adverse Childhood Experiences within the Family Context and In-Person and Online Dating Violence in Adulthood: A Scoping Review. *Behavioral Sciences 2022, Vol. 12, Page 162, 12(6)*, 162. <https://doi.org/10.3390/BS12060162>
- Nikulina, V., Gelin, M., Zwilling, A., & Professor, A. (2021). Is There a Cumulative Association Between Adverse Childhood Experiences and Intimate Partner Violence in Emerging Adulthood? *Journal of Interpersonal Violence*, 36(4), 1205–1232. <https://doi.org/10.1177/0886260517741626>
- Pereda, N., & Diaz-Faes, D. A. (2020). Family violence against children in the wake of COVID-19 pandemic: a review of current perspectives and risk factors. *Child Adolesc Psychiatry Ment Health*, 14, 40. <https://doi.org/10.1186/s13034-020-00347-1>
- Peterson, J., & Densley, J. (2017). Cyber violence: What do we know and where do we go from here? *Aggression and Violent Behavior*, 34, 193–200. <https://doi.org/10.1016/J.AVB.2017.01.012>
- Pill, N., Day, A., & Mildred, H. (2017). Trauma responses to intimate partner violence: A review of

- current knowledge. *Aggression and Violent Behavior*, 34, 178–184.
<https://doi.org/10.1016/J.AVB.2017.01.014>
- Richards, T. N., Tillyer, M. S., & Wright, E. M. (2017). Intimate partner violence and the overlap of perpetration and victimization: Considering the influence of physical, sexual, and emotional abuse in childhood. *Child Abuse & Neglect*, 67, 240–248.
<https://doi.org/10.1016/J.CHIABU.2017.02.037>
- Saial, A. C. G. (2021). *Abuso cibernético nas relações dos jovens adultos: relação entre o uso problemático de internet, recurso a estratégias cibernéticas abusivas e existência de traços de psicopatia*. <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/3397>
- Sani, A. I., Bastos, D., & Dinis, M. A. P. (2021). Child and Adolescent Multiple Victimization and/or Polyvictimization: A Portuguese Comparative Study. *Societies* 2021, Vol. 11, Page 120, 11(4), 120. <https://doi.org/10.3390/SOC11040120>
- Schokkenbroek, J. M., Ponnet, K., & Hardyns, W. (2022). Men's (Online) Intimate Partner Violence Experiences and Mental Health: Polyvictimization, Polyperpetration and Victim-Perpetrator Overlap. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 1–21.
<https://doi.org/10.1080/10926771.2022.2055513>
- Seon, J., Cho, H., Choi, G. Y., Son, E., Allen, J., Nelson, A., & Kwon, I. (2021). Adverse Childhood Experiences, Intimate Partner Violence Victimization, and Self-Perceived Health and Depression among College Students. *Journal of Family Violence*, 37(4), 691–706.
<https://doi.org/10.1007/s10896-021-00286-1>
- Simas, T. P. P. (2011). *Violência nas relações de intimidade: o impacto na saúde mental da vítima*. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/18628>
- Song, A., Yoon, Y., & Cho, Y. (2022). The Association Between Polyvictimization in Childhood and Intimate Partner Violence and Child Abuse in Adulthood. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(9–10), 6009–6033. <https://doi.org/10.1177/08862605211073088>
- Sousa, B. A. (2022). *Violência nas relações de intimidade e namoro de jovens adultos: Um olhar sobre os estudantes da Universidade dos Açores*.
- Spencer, C., Mallory, A. B., Cafferky, B. M., Kimmes, J. G., Beck, A. R., & Stith, S. M. (2019). Mental health factors and intimate partner violence perpetration and victimization: A meta-analysis. *Psychology of Violence*, 9(1), 1–17. <https://doi.org/10.1037/VIO0000156>
- Stonard, K. E. (2021). The prevalence and overlap of technology-assisted and offline adolescent dating violence. *Current Psychology*, 40(3), 1056–1070. <https://doi.org/10.1007/S12144-018-0023-4>
- Tamarit-Sumalla, J. M., Malpica-Lander, C., & Fernández-Cruz, V. (2022). Co-Occurrence of Online and Offline Victimization: A Latent Class Analysis in University Students. *Social Sciences*, 11(1).
<https://doi.org/10.3390/socsci11010016>
- Temple, J. R., Choi, H. J., Brem, M., Wolford-Clevenger, C., Stuart, G. L., Peskin, M. F., & Elmquist, J. A. (2016). The Temporal Association Between Traditional and Cyber Dating Abuse Among Adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 45(2), 340–349.
<https://doi.org/10.1007/S10964-015-0380-3>
- Toplu-Demirtaş, E., May, R. W., Seibert, G. S., & Fincham, F. D. (2022). *Does Cyber Dating Abuse Victimization Increase Depressive Symptoms or Vice Versa?* 37, 11–12.
<https://doi.org/10.1177/0886260520984261>
- Turner, H. A., Shattuck, A., Finkelhor, D., & Hamby, S. (2017). Effects of Poly-Victimization on Adolescent Social Support, Self-Concept, and Psychological Distress. *Journal of Interpersonal Violence*, 32(5), 755–780. <https://doi.org/10.1177/0886260515586376>
- Weathers, F. W., Litz, B. T., Keane, T. M., Palmieri, P. A., Marx, B. P., & Schnurr, P. P. (2013). The PTSD Checklist for DSM-5 (PCL-5). Scale available from the National Center for PTSD at www.ptsd.va.gov. *National Center for PTSD*, 5(April).

- Widom, C. S., Czaja, S., & Dutton, M. A. (2014). Child abuse and neglect and intimate partner violence victimization and perpetration: A prospective investigation. *Child Abuse & Neglect, 38*(4), 650–663. <https://doi.org/10.1016/J.CHIABU.2013.11.004>
- Wolford-Clevenger, C., Zapor, H., Brasfield, H., Febres, J., Elmquist, J., Brem, M., Shorey, R. C., & Stuart, G. L. (2016). An examination of the partner cyber abuse questionnaire in a college student sample. *Psychology of Violence, 6*(1). <https://doi.org/10.1037/a0039442>

Anexo: Parecer da Comissão de ética para Investigação em Ciências Sociais e Humanas



Universidade do Minho

Conselho de Ética

Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas

Identificação do documento: CEICSH 144/2022

Relatores: Emanuel Pedro Viana Barbas Albuquerque e Marlene Alexandra Veloso Matos

Título do projeto: *(Ciber)Violência nas Relações de Intimidade e Vitimação Múltipla*

Equipa de Investigação: Inês Sofia Ribeiro Campos (IR), Mestrado em Psicologia da Justiça, Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Sónia Caridade (Orientadora), Escola de Psicologia, Universidade do Minho

PARECER

A Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) analisou o processo relativo ao projeto de investigação acima identificado, intitulado *(Ciber)Violência nas Relações de Intimidade e Vitimação Múltipla*. Os documentos apresentados revelam que o projeto obedece aos requisitos exigidos para as boas práticas na investigação com humanos, em conformidade com as normas nacionais e internacionais que regulam a investigação em Ciências Sociais e Humanas.

Face ao exposto, a Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) nada tem a opor à realização do projeto nos termos apresentados no Formulário de Identificação e Caracterização do Projeto, que se anexa, emitindo o seu parecer favorável, que foi aprovado por unanimidade pelos seus membros.

Braga, 29 de dezembro de 2022.

O Presidente da CEICSH

(Acílio Estanqueiro Rocha)